

Relações subterrâneas e alguma prosa sobre o colecionismo contemporâneo

Waltércio Caldas me disse certa vez uma frase que me marcou: “tem gente que confunde tudo e acha que o mundo é muito confuso”. Esse é o ponto de partida desse pequeno texto: tornar um pouco mais claro o que se pode entender hoje como uma coleção de arte, um colecionador e mesmo um colecionismo. Nessa perspectiva, é preciso desde logo deixar claro que, no início do século XXI, uma coleção de arte tende a ser muito mais do que simplesmente uma acumulação de objetos e mesmo de um acervo com algum grau de organicidade. Uma coleção de arte é, sobretudo, um conjunto de relações diferidas no tempo e no espaço. É processo. Complexo, contraditório e muitas vezes conflitante.

A principal relação de uma coleção de arte é com o conhecimento. E mais: com um conhecimento ampliado que não teme avançar e incorporar informações, pensamentos, reflexões e experiências individuais e coletivas. Afinal, já dizia Leonardo Da Vinci: *l'arte è cosa mentale*. Uma coleção, portanto, deve ser expressão de um projeto intelectual. Ele pode ser simples ou não, mas deve sempre existir.

Na verdade, além dessa relação seminal com o conhecimento, é importante a relação com a sociabilidade. É ela quem aporta a cooperação, o compartilhamento (e aqui a troca é apenas uma forma específica de compartilhamento) e o compromisso com uma necessária liberdade/pluralidade. Assim, uma coleção deriva de um conjunto de relações interpessoais e institucionais, públicas ou privadas. Nesse sentido uma coleção tem sempre uma história que possui uma conexão com uma ou mais biografias.

Através de Carlos Vergara - que esse ano participa da quinta edição da mostra “Pequenos Formatos” produzida desde 2007 pelo coletivo Atelier Subterrânea – passo a me relacionar com esse espaço de experiência, reflexão e compartilhamento. A edição 2011 reúne 44 artistas que, com uma produção diversificada e atuante, aprofundam um vínculo de cooperação, compartilhamento e compromisso já firmado por outros tantos artistas ao longo das outras edições dessa mostra. Essa relação tem se revelado um instrumento tanto de financiamento desse espaço quanto de formação de um público específico e muito importante em um país onde as coleções públicas são poucas, frágeis, e muito dependentes de raras doações privadas: os(as) colecionadores(as). É processo. E ainda: uma história que possui uma conexão com uma ou mais biografias.

Relações subterrâneas começam a se estruturar. Elas não são epidérmicas e pulsam forte. A “Pequenos Formatos” opera passo a passo a sua grande formação de públicos de onde podem emergir novos colecionadores aptos a construir individual e coletivamente – em relação positiva com artistas e instituições de arte - as coleções que serão, no futuro próximo, insumos fundamentais para o conhecimento do século XXI. As relações subterrâneas são portadoras de mudanças. Ótimo.

George Kornis
Rio de Janeiro, fevereiro 2011